

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
FACULDADE DE LETRAS  
LETRAS- LITERATURAS

RAPHAELA LUIZ LOPES

**VÍNCULOS ENTRELACADOS: UMA ANÁLISE SOBRE A DINÂMICA ENTRE  
BIBIANA E BELONÍSIA EM TORTO ARADO**

Trabalho de Conclusão de Curso

RIO DE JANEIRO  
2023

RAPHAELA LUIZ LOPES

**VÍNCULOS ENTRELAÇADOS: UMA ANÁLISE SOBRE A DINÂMICA ENTRE  
BIBIANA E BELONÍSIA EM TORTO ARADO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
parte dos requisitos necessários à obtenção do  
título de Licenciatura em Letras- Literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Gilberto Araújo

RIO DE JANEIRO

2023

Agradeço primeiramente a Deus e as forças que me acompanharam até aqui, auxiliando nos momentos em que eu não sabia para onde ir.

Agradeço a minha mãe, Rita, que me proporciona suporte e inspiração para seguir em busca dos meus sonhos

Agradeço a minha irmã, Raíza, por me inspirar com sua inteligência e influenciar na escolha do tema desse trabalho.

Agradeço as minhas grandes amigas que conheci na faculdade, Emanuelle e Fernanda, por disponibilizarem uma escuta ativa, um abraço caloroso e palavras macias em diversos momentos desse processo.

Agradeço a Amanda, Rafael, Guilherme e Sueli que ajudaram a transformar todos os momentos durante a faculdade um pouco mais divertidos e afetuosos.

Agradeço a Andrea Polliseni que foi abrigo nos momentos de angústia.

Agradeço ao meu orientador, professor Gilberto, pelas aulas encantadoras e pelo auxílio na construção desse trabalho.

E agradeço principalmente a mim, que apesar de não ter escolhido o caminho mais fácil, escolhi o que mais faz sentido para mim.

*Minha Santa Bárbara, acalmai essa tempestade.*

*Minha Santa Bárbara, levai a dor da saudade.*

*Jonathan Silva*

## Sumário

1 INTRODUÇÃO.....	1
2 CONSIDERADO UM NOVO CLÁSSICO: UMA PERSPECTIVA GERAL .....	1
3 TRÊS VOZES NARRATIVAS.....	4
4 DESVENDANDO IRMÃS SECUNDÁRIAS: PAPÉIS E SIGNIFICADOS.....	5
5 VÍNCULOS FRATERNOS NA LITERATURA BRASILEIRA.....	7
6 BIBIANA, A PIONEIRA.....	8
7 BELONÍSIA, A CONTADORA DE HISTÓRIAS.....	9
8 O JARÊ NA NARRATIVA.....	11
8.1 O objeto de proteção.....	12
8.2 O elemento místico na narrativa.....	14
9 DUAS, QUASE UMA.....	15
10 DOIS MOVIMENTOS, TRÊS PROTAGONISTAS .....	17
11 A REPRESENTAÇÃO EM TORTO ARADO .....	20
12 CONCLUSÃO .....	21



## **1 INTRODUÇÃO**

A complexidade das relações entre irmãos tem sido explorada ao longo da história da literatura, frequentemente retratada como um terreno fértil para rivalidades e conflitos afetivos, em que as figuras fraternas muitas vezes se encontram em lados opostos. Neste contexto, o presente trabalho se propõe a analisar a relação entre as personagens Bibiana e Belonísia, duas irmãs que desempenham papéis centrais no romance *Torto Arado*, obra inaugural do autor Itamar Vieira Junior. Esta análise visa compreender como a dinâmica entre as irmãs evolui ao longo da narrativa, destacando os pontos de convergência e divergência que surgem, e considerando variáveis cruciais como classe social, gênero, cor e religião.

O estudo das personagens Bibiana e Belonísia será conduzido com um foco na construção dessa relação e na forma como a complementaridade e a oposição entre elas se manifestam, considerado o contexto religioso em que estão inseridas. Além disso, este trabalho buscará contribuir para uma compreensão mais completa da obra *Torto Arado*, destacando a relação entre as irmãs como um elemento central na estrutura narrativa.

Para enriquecer a análise, será realizado um exame comparativo entre a relação das irmãs Bibiana e Belonísia e outras representações de fraternidade na literatura, identificando semelhanças e diferenças sobre as especificidades desta obra. Além disso, este estudo investigará como as questões religiosas influenciam e impactam a dinâmica entre as irmãs Bibiana e Belonísia, revelando as complexas interações entre fé e relação fraternal.

## **2 CONSIDERADO UM NOVO CLÁSSICO: UMA PERSPECTIVA GERAL**

A literatura contemporânea brasileira tem testemunhado um poderoso movimento de empoderamento feminino, especialmente no que diz respeito às mulheres negras. Um exemplo notável dessa tendência é o romance de estreia de Itamar Vieira Junior, intitulado *Torto Arado*, que tem conquistado sucesso tanto no âmbito nacional quanto internacional. A obra recebeu aclamação da crítica e cativou os leitores ao apresentar a jornada de personagens negras lutando contra um sistema de trabalho análogo à escravidão.

Ao longo dos capítulos dessa obra, somos imersos nas vivências de mulheres negras que protagonizam a narrativa: as irmãs Bibiana e Belonísia, além da entidade do jarê conhecida

como Santa Rita Pescadeira. O romance é dividido em três partes: "Fio de Corte", "Torto Arado" e "Rio de Sangue".

Nesse contexto, é importante ressaltar que a representatividade presente na obra não apenas mergulha nas complexidades individuais das personagens, mas também explora questões mais amplas de identidade, resistência e pertencimento. Dessa forma, o romance de Itamar Vieira Junior desempenha um papel relevante ao contribuir para um diálogo mais amplo sobre a experiência das mulheres negras na literatura contemporânea brasileira, oferecendo uma narrativa rica em nuances, poderosa em sua crítica social e enraizada nas trajetórias individuais e coletivas dessas personagens.

Pensar na construção das personagens narradoras de *Torto Arado* é ir além das estereotípias já invocadas a mulheres negras nos clássicos da literatura, como a mulata sensual e selvagem, de beleza exótica ou a negra trabalhadora. Itamar Vieira Junior constrói personagens complexos, diferentes, ainda assim complementares, explorando a identidade possível entre a comunidade identificada posteriormente como quilombola, como também a manutenção da fraternidade construída entre as irmãs.

Bibiana e Belonísia são reconhecidas como personagens representativos em relação à força e atuação política no cenário em que estão inseridas, despertando sentimentos de identificação e, principalmente, projeção, trazendo à narrativa a sensação de verossimilhança tão importante para o gênero de ficção. Em todas as entrevistas e rodas de conversa sobre a obra, o autor sempre deixa evidente que a história foi inspirada em mulheres que conheceu na Chapada Diamantina, durante o seu trabalho como servidor público do Incra — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária — que tem como missão prioritária executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional.

Apesar das declarações do autor corroborarem a ideia de personagens quase reais, mesmo dentro do gênero de ficção, Antonio Candido em “A personagem de ficção” (2018, p. 65) expõe que não é possível conhecer integralmente a personalidade de nenhum sujeito, e reproduzi-la igualmente, logo a personagem de ficção é uma criação fragmentada de uma personalidade, construída em consonância com enredo. Cândido traz a reflexão sobre a personagem ser um ente inventado ou um ente reproduzido, ou seja, com características idênticas ao sujeito correspondente na realidade do autor.

Como a relação entre autor e leitor está cada vez mais estreita pelas redes sociais, as informações divulgadas e comentadas sobre a construção das histórias trazem essa sensação de



verdade da narrativa. Contudo, devemos ter em mente que esse sentimento de verdade da narrativa é elaborado principalmente através da coesão entre enredo e personagens. Um dos elementos principais para essa percepção é a não delimitação do período de tempo em *Torto Arado*. Durante a narração, não é possível identificar quais são os anos em que se passa a história, apesar da indicação do carro do gerente da fazenda ou da chegada de uma TV e uma antena, a passagem do tempo se apresenta apenas com questões fisiológicas das irmãs, com nascimento e crescimento de crianças ou momentos de seca na região. Apesar da linearidade conduzida pela narrativa, a não demarcação do tempo faz com que a história seja um elemento quase atemporal, deixando o leitor supor que a trajetória das irmãs passe pelos anos 70 até, provavelmente, o início dos anos 2000.

A partir dessa escolha, Itamar Vieira Junior nos apresenta um romance de formação, acompanhando a trajetória das irmãs e seus familiares — seu pai, Zeca Chapéu Grande, sua avó Donana e uma das trabalhadoras da fazenda, Dona Miúda. Contudo, para elaboração do trabalho iremos focalizar apenas em duas das três personagens-narradoras, as irmãs Bibiana e Belonísia, e sua inter-relação e interdependência, analisando os episódios que auxiliam na formação de suas personalidades, ora compreendidas como similares e ora compreendidas como complementares e como a questão religiosa também influenciou na relação entre as duas.

O enredo de *Torto Arado* se inicia com a jornada das irmãs frente ao acontecimento divisor de águas da narrativa: a mutilação da língua de uma delas. Em “fio de corte”, parte narrada pela Bibiana, primeira filha de Zeca Chapéu Grande e Salustiana, observamos uma simbiose entre ela e a irmã mais nova, Belonísia.

Um dos elementos textuais que corroboram com a tese de que a relação das irmãs, na primeira fase da adolescência, se apresenta como uma relação de interdependência emocional é a maneira em que o autor recorreu para não deixar explícito quem havia perdido a língua e, conseqüentemente, quem teria dificuldade de comunicação. Ainda nas primeiras páginas do romance, a narradora-personagem não separa especificamente quem ela é: as duas irmãs comportam-se como uma só criança, tanto na ocasião do acidente quanto no atendimento direcionado às meninas no hospital da cidade e também após a mutilação da língua, quando o silêncio se instaura entre Belonísia e o mundo. A partir disso, é narrado todo o período da adolescência e os primeiros conflitos entre as irmãs como se as duas tivessem perdido a língua, usando a linguagem de sinais para além das situações comunicativas específicas.

Apesar da narrativa em primeira pessoa, os pontos de vista dos capítulos são de épocas diferentes — mesmo Belonísia revisitando alguns pontos da infância e do início da adolescência. Talvez possa ser precipitado algumas indicações sobre traços da personalidade das irmãs visto que a narrativa acompanha o crescimento das duas em momentos diferentes. A narradora da última parte e personagem que se apresenta tanto na narração de Bibiana, quanto na narração de Belonísia, vem à tona para preencher algumas lacunas abertas durante os capítulos anteriores — a origem da faca, a maneira como ela foi encontrada e como retornou para as mãos da família de Donana.

O foco narrativo escolhido para todas as partes do livro foi o interno, que narram de um lugar quase fixo, o que viveram, testemunharam, sentiram e sonharam, permitindo dessa maneira o conhecimento interno das personagens e podendo posteriormente compará-las em sua construção e atuação diante da narrativa. Na terceira parte, o recurso de trazer como personagem uma entidade do jarê, prática religiosa exclusiva da Chapada Diamantina, permite que, por sua função sobrenatural, seja um narrador onisciente intruso, transbordando limites de tempo e espaço — transitando de forma geográfica e histórica para elucidar alguns pontos do enredo.

### 3 TRÊS VOZES NARRATIVAS

A entidade não é um personagem deslocado da história, ela aparece pela primeira vez na parte narrada por Bibiana e é essa entidade que determina o destino da mesma.

Ela falou sobre um filho, mas era uma frase sem nexos que não recorro com exatidão, algo como “vai de filho”. Falou também que eu estava para correr o mundo a **cavalo**, animal que nossa família não tinha [...] E a sentença que permaneceu mais exata em minha memória e resistiu aos golpes que minha vida sofreria nos anos vindouros foi de que “**de seu movimento virá sua força e sua derrota** (Vieira Junior, 2019, p. 81).

A encantada aparece pela primeira vez no corpo da Miúda, uma das moradoras mais antigas da Fazenda. É a partir da incorporação de Miúda que a encantada direciona pela primeira vez uma mensagem para Bibiana. Posteriormente, pela narração da própria encantada, temos conhecimento da solidão que perpassa pela vida de Miúda após seus filhos serem levados para a cidade em busca de um futuro melhor. Santa Rita Pescadeira aparece e manifesta preenchendo os lugares de solidão, tanto de Miúda, como de Bibiana após perder o marido e Belonísia, que torna-se companheira de si mesma bem nova. O preenchimento desse local não tende a ser definitivo, mas pontual, com finalidade de aproximação da comunidade.

Ao longo da história, percebemos que o destino das irmãs se cruzam e entrelaçam, de maneira que a previsão da Santa Rita Pescadeira estenderia também para além de Bibiana, atravessando a história de Belonísia, explicitando essa conexão quase mística entre as irmãs.

Com a migração da filha mais velha para a cidade, muito impulsionada pelas ideias progressistas do primo e, principalmente, pelo anseio de justiça para os pais e outros trabalhadores da fazenda, o direcionamento do foco para a personagem silenciada faz com que toda a história seja reconstruída para além da ideia de migração, que é muito explorada em narrativas regionalistas. É importante ressaltar que o migrante quase sempre não sai de sua terra natal por desejo próprio, mas sim como uma alternativa — talvez a única — de mudança do seu status social e a tentativa de melhores condições de vida para si e para os familiares.

Apesar da migração, Itamar Vieira Junior de forma muito inteligente internaliza a narrativa mantendo o enredo ainda dentro da fazenda e das mudanças ativas que os personagens femininos são capazes de protagonizar e, para além disso, possibilitando que as histórias daquele povo sejam contadas por um ponto de vista interno. É a partir da narração de Belonísia que é possível entrar em contato com o valor da terra, o valor do conhecimento empírico e ancestral e as relações de afeto e proteção dentro de uma comunidade. É também através do seu ponto de vista narrativo que percebemos as semelhanças e disparidades entre as irmãs e como isso pode refletir sobre uma nova perspectiva das relações entre irmãs na literatura brasileira contemporânea.

#### **4 DESVENDANDO IRMÃS SECUNDÁRIAS: PAPÉIS E SIGNIFICADOS**

Uma outra relação entre irmãs que a história apresenta é a de Crispina e Crispiniana, irmãs gêmeas idênticas, sendo talvez o contraponto das filhas de Salustiana que deixa claro: "Como já se viu irmãs da mesma barriga viverem a vida como se fossem inimigas?" (Vieira Junior, 2019, p. 40). Na relação dessas irmãs, podemos observar pontos de característica do fenômeno do duplo, fenômeno psíquico analisado demasiadamente por Otto Rank em cotejo com a literatura, ambiente fértil para as manifestações da psique do personagem criado. Os pontos em comum com outros romances analisados por Otto Rank é a apresentação de irmãs gêmeas idênticas e que entram em conflito diante de um objeto de desejo em comum, no caso de *Torto Arado*, Isidoro, marido de Crispina. Diante dessa triangulação, Crispina entra em estado de loucura após presenciar sua irmã gêmea — sua própria imagem — deitada com seu marido. Apesar de haver a discussão entre as irmãs sobre a visão da traição e o fato de que,

posteriormente, a irmã de Crispina aparecer grávida, não é confirmado que realmente houve o envolvimento amoroso e que o pai da criança que Crispina está esperando seria o marido da irmã.

A história das irmãs gêmeas é chave para vários pontos da história, desde a habilidade curandeira de Zeca Chapéu Grande até o papel de parteira assumido por Salustiana após Donana passar-lhe essa responsabilidade. Além disso, a trama aborda a rivalidade entre as irmãs Crispina e Crispiniana pelo mesmo objeto de desejo, bem como o seu significado premonitório para a Bibiana e Belonísia, que alguns anos depois conheceriam o primo Severo, despertando em ambas um sentimento amoroso.

A chegada do irmão de Salustiana é outro elemento importante para a trajetória das irmãs. Revelando o modo de como a mão de obra chegava até as fazendas, quase sempre sendo familiares de pessoas que já estão trabalhando no local, Servó chega em Água Negra com sua esposa Hermelinda e seus 6 filhos, sendo o mais velho — da mesma faixa etária de Bibiana e Belonísia — o Severo, que assim como os primos, ajudavam no plantio da fazenda. O personagem de Severo aparece na narrativa para descolar as irmãs que passaram a disputar a atenção do primo e que compartilhavam com ele a maneira de comunicação entre as duas. Assim como Isidoro, o personagem de Severo, nesse primeiro momento, é o terceiro elemento entre as irmãs. Posteriormente, é ele quem causa o afastamento entre as duas, em um episódio de ciúme de Bibiana que ao ver Belonísia e Severo juntos — sem ela — interpreta a situação e faz com que Belonísia seja castigada.

Como no episódio em que o pai de Crispina acerta seu rosto com um tapa durante o episódio de loucura e sua irmã gêmea, Crispiniana, sente o mesmo tapa, na ocasião em que Salustiana bate em Belonísia, situação causada por sua irmã, a mesma descreve que sentia seu corpo arder junto, como se ela estivesse apanhando junto. Ao contrário do acidente com a faca de cabo de marfim, esse episódio é a primeira ruptura entre as irmãs, mas além disso, ele é responsável por realocar as posições na relação familiar das personagens: “Até aquele instante Belonísia havia sido mais próxima de minha mãe, enquanto eu sempre havia me sentido mais ligada ao pai” (Vieira Junior, 2019, p. 47).

## 5 VÍNCULOS FRATERNOS NA LITERATURA BRASILEIRA

A representação das relações entre irmãos na literatura brasileira perpassa o estigma sobre essa relação que sempre esteve presente na história da humanidade, exposto desde a bíblia, como na história de Caim e Abel e Esaú e Jacó, retratando relações de rivalidade, enfrentamento e inveja, em que um dos irmãos se torna o filho preferido por uma das figuras parentais e que deseja a morte de seu rival.

A recorrência dessa rivalidade na literatura é mais comum entre personagens do gênero masculino, e gêmeos, como Pedro e Paulo, no livro *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis e Yaqub e Omar, no livro *Dois irmãos*, de Milton Hatoum. Além da rivalidade alimentada pelo sentimento de rejeição por um dos pais, a relação já conturbada sempre é agravada por uma triangulação amorosa, ampliando por toda a narrativa e não sendo resolvida, apesar das tentativas suplicadas por personagens — quase sempre femininas — que fazem parte da história, como mãe ou o próprio objeto amoroso dos personagens principais.

Diferente das obras de Machado de Assis e Milton Hatoum, as irmãs não são personagens gêmeos e não disputam a posição de preferida entre os pais, Zeca Chapéu Grande e Salustiana. Pelo contrário, é Salustiana a primeira a repreender os conflitos infantis entre as irmãs. No contexto narrativo de *Torto Arado*, não parece haver espaço para manter uma rivalidade, principalmente entre mulheres, dentro da comunidade criada entre os trabalhadores de Água Negra que compartilham as mesmas condições de vida, trabalho e também o valor ancestral. Observamos alguma rivalidade no início do amadurecimento das irmãs, porém, ela é substituída por um ressentimento que atravessa toda atmosfera da narrativa. Apesar disso, é perceptível que a conexão entre as irmãs não é um elemento que se dispersa, parecem estar sempre próximas apesar das rupturas e da distância geográfica, característica que também se repete em narrativas que expõem a linha tênue de amor e ódio entre irmãos. A análise comparativa entre dois irmãos reflete na retomada da questão sobre a personagem e sua função nos estudos literários, no caso de *Torto Arado*, será atravessada pelo viés dos estudos culturais da literatura pela importância da obra já mencionada anteriormente.

Os personagens Pedro e Paulo, de Machado de Assis, representam dois opostos, são usados como referência de dois sistemas políticos que estavam também em disputa entre a sociedade da época, após a transição da Monarquia para a República, sendo Pedro representante daquele e Paulo representante deste. Apesar da crítica de Machado de Assis sobre essa transição

política que parece se apresentar como uma questão partidária, isto é, de interesse de políticos de alguns grupos da sociedade e que apesar de parecer uma grande mudança, não são diferentes — como gêmeos idênticos — pois ainda atuaria para o mesmo grupo da sociedade.

Os gêmeos de Milton Hatoum também representam dois opostos, mas não politicamente como escrito por Machado de Assis, mas como o filho sábio e o filho insensato que, além de disputarem o mesmo objeto de desejo, disputam o amor dos pais. O personagem de Yaqub representa o filho não desejado, sendo exilado após ter sido ele violentado diante da voracidade de Omar, o irmão protegido. Além da disparidade entre a relação com seus pais, na fase adulta essa representação entre o filho bem-sucedido e o filho arruinado é capaz de trazer para narrativa a tragédia que apresenta o fenômeno do duplo, mencionado anteriormente.

A perspectiva de comparação entre os romances mais conhecidos referente a relações de irmãos não deve ser baseada em um maniqueísmo, a luta entre o irmão bom e o mau, conseqüentemente, classificando-os como certo ou errado. O objetivo é comparar a construção desses personagens e constatar o movimento de distanciamento mais evidente que Itamar Vieira Junior faz do conceito do bem contra o mal e, principalmente, relacionando as questões de gênero, classe e raça para dentro da narrativa, construindo a complexidade das personagens Bibiana e Belonísia.

## **6 BIBIANA, A PIONEIRA**

A história de Bibiana parece tomar o rumo tão conhecido de jovens que procuram uma melhor condição de vida fora do campo, porém, há uma retomada do protagonismo em que, apesar de grávida, consegue junto ao seu marido, Severo, a realocação em funções remuneradas e, para além disso, adquire o conhecimento formal que fora visto como tão importante para seu pai.

Bibiana representa esse conhecimento formal tão desejado por seus ascendentes, a migração e o rompimento daquele sistema de servidão, através, no primeiro momento, do distanciamento geográfico, que não é permanente. Na infância, após a irmã mais nova perder a língua, ela atua como uma tradutora dos sentimentos de Belonísia, uma porta-voz, função que retoma posteriormente após a morte de seu marido. Bibiana é quem abre os caminhos da família, em relação aos estudos e atuação política na comunidade.

A personagem retorna para a movimentação política, atuando como líder e através do papel social como professora na Fazenda de Água Negra, trazendo de fora os argumentos para conscientizar crianças e adultos sobre suas próprias trajetórias. Bibiana torna-se a professora que Belonísia gostaria de ter e que a incentivaria a continuar no estudo formal, conforme narrado: “Ela não sabia por que estávamos ali, nem de onde vieram nossos pais, nem o que fazíamos, se em suas frases e texto só havia história de soldado, professor, médico e juiz” (Vieira Junior, 2019, p. 99).

Conhecer e reconhecer Bibiana como figura política na narrativa são processos realizados dentro dos olhos da irmã mais nova, que narra os primeiros retornos ainda com um estranhamento da ruptura. Esse estranhamento ao encontrar a irmã que antes compartilhava com ela as brincadeiras infantis e a responsabilidade de ajudá-la com a comunicação no mundo, agora aparece como mãe e esposa, construindo uma vida para além do lugar que elas sempre dividiram e principalmente para além dessa relação de irmãs.

É através desse portal do tempo e das rupturas causadas pelo destino que tentamos reconhecer Bibiana e Belonísia como personagens que se tornaram representação de opostos e também de similaridades, neste último, de responsabilidade quase ancestral.

## **7 BELONÍSIA, A CONTADORA DE HISTÓRIAS**

Na segunda parte do livro Belonísia se torna narradora-personagem e é possível conhecê-la, por suas percepções e pensamentos, é a partir dessa narrativa que o leitor conhece a história de outros personagens da narrativa, como Zeca Chapéu Grande e Donana. É interessante a escolha do autor em deixar que a personagem que teve sua língua mutilada e que, conseqüentemente, teve problemas na fala, narrar grande parte do livro, tendo a oportunidade de contar sua própria história, pelo seu ponto de vista e com protagonismo, a partir da escrita.

O combate ao silenciamento de mulheres negras é uma pauta importante do feminismo negro devido à reverência à memória e reconhecimento da história da população negra nos países que foram colonizados. Durante uma palestra realizada em 2016 no Centro Cultural São Paulo, Grada Kilomba, escritora portuguesa que pesquisa sobre o pós-colonialismo, retoma a história da escrava Anastácia que foi a ela contada várias vezes por sua avó através de rituais durante as sextas-feiras do ano, e apresenta o significado da máscara de Flandres. Kilomba reitera que a máscara era usada para impedir que fossem ditas palavras de emancipação durante

o regime de escravidão, no Brasil. Durante essa performance, a escritora portuguesa expõe que sua avó pediu para que ela nunca esquecesse quem foi Anastácia. Nessa perspectiva, podemos perceber o quanto a memória, principalmente da resistência de mulheres negras, está relacionada com o empoderamento feminino visto que a preservação da memória faz com que o acesso e até a própria história não seja subjugada. Deste modo, podemos considerar que Belonísia também tem esse papel de perpetuar a memória da sua família. É a partir dela que reencontramos Bibiana, conhecemos a potencialidade de Salustiana, a história de sua avó Donana, a trajetória de Zeca Chapéu Grande e como a violência é capaz de atingir uma mulher dentro do ambiente doméstico. Sua personagem é a contadora de história que liga os acontecimentos narrados com a história do seu próprio pai, inclusive chega a mencionar:

teria me empenhado em escrever da melhor forma que pudesse [...] teria comprado cadernos [...] e os teria enchido das palavras que não me saem da cabeça. [...] porque da minha boca poderiam sair muitas histórias que serviriam de motivação para nosso povo, para nossas crianças, para que mudassem suas vidas de servidão aos donos da terra, aos donos das casas na cidade (Vieira Junior, 2019, p. 170).

Belonísia desempenha um papel de valorizar e preservar os conhecimentos ensinados por seu pai — curador e líder social da comunidade —, contudo, sem ignorar condutas de violência e injustiça sofridas pelos trabalhadores da fazenda. A irmã mais nova comporta-se como se fizesse parte daquela natureza, que é capaz de destruir as casas de barro com o avanço do tempo e a que causa cheias após grande período de estiagem, com a voracidade de enfrentar homens que são capazes de ameaçar sua integridade, mas que também oferece uma terra fértil para o plantio dos alimentos para subsistência, com a sensibilidade do acolhimento e a distribuição do que lhe pertence ao próximo que precisa.

É interessante notar que os capítulos nos quais Belonísia se propõe a contar a história de sua avó Donana e de seu pai são intercalados com aqueles em que ela relata sua própria experiência com a terra. Essa alternância pode ser interpretada como um recurso que simboliza a simultaneidade de pensamentos, como se, ao longo de toda a jornada de Belonísia, a história de sua avó e de seu pai estivesse constantemente presente em seus pensamentos. Observamos também que nos capítulos que descrevem a trajetória de Donana e Zeca Chapéu Grande, a narrativa é conduzida por um narrador em terceira pessoa onisciente, que tem acesso aos pensamentos, emoções e até mesmo à presença dos encantados, entidades que, teoricamente, só seriam visíveis para pessoas com algum nível de mediunidade e iniciação dentro da religião, conforme mencionado por Banaggia (2016 p. 301-302).



Ao conhecer a trajetória de Zeca Chapéu Grande, podemos perceber o quanto ele e Belonísia se alinham de maneira bem parecida em relação à terra. Podemos considerá-los como personagens telúricos, ou seja, são personagens que apresentam relação de apego à terra, vista como um bem precioso, pois é a partir dela que é possível obter o sustento de uma comunidade. O contraponto entre os dois se dá entre o período em que Zeca se colocou de maneira permissiva diante dos que considerava como donos dessa mesma terra, enquanto Belonísia acreditava que, apesar de serem donos no papel, quem deixava a terra viva e produtiva eram os trabalhadores e por esse motivo deveriam ter ao menos sua produção respeitada sem que houvesse resgate de qualquer parte pelos fazendeiros. Encontramos trechos em que Zeca Chapéu Grande se indigna, mas ao mesmo tempo permite sem questionar os abusos, devido ao sentimento de gratidão pela moradia e pelo trabalho, enquanto sua filha optava por distribuir o máximo da produção do próprio quintal para que não houvesse resgate dos alimentos pelos donos da fazenda.

A relação com a terra que é compartilhada entre pai e filha também revela o envolvimento desses personagens com a religião, visto que os curadores do jarê usam especificamente ervas e plantas que são retiradas da terra em que se vive para cuidar dos males que afetam as pessoas que buscam ajuda na casa do líder religioso.

## **8 O JARÊ NA NARRATIVA**

O jarê é uma religião de matriz africana praticada somente na Chapada Diamantina, no estado da Bahia. Conforme menciona Gabriel Banaggia (2016; p. 155), sua criação e desenvolvimento estão intimamente ligados à história do território, em que senhoras africanas vindas para a Chapada durante a época da escravidão, chamadas de “nagôs”, em uma tentativa de adaptar àquela realidade o culto de suas divindades, praticavam reverência a essas entidades no lado de dentro das casas, enquanto reservavam um espaço externo dedicado aos espíritos ligados aos povos indígenas da região, como os caboclos. Ao longo do tempo, as práticas internas e externas se misturam, tornando-se uma cerimônia única.

O jarê é uma religião afrobrasileira, classificada como candomblé de caboclos em que as entidades são cultuadas através de uma forma musical caracterizada pela utilização de ritmos distintos e pela construção independente dos atabaques, que buscam emular a sonoridade produzida pelos povos indígenas. Além disso, outra diferença a ser destacada é o fato de que, na prática do jarê, todas as entidades são consideradas caboclos, enquanto, no candomblé —

religião estabelecida na Bahia no século XIX pelos Iorubas que eram trazidos ao Brasil —, as entidades de caboclos são subordinadas aos orixás. Nessa distinção, podemos observar uma divergência nas hierarquias religiosas entre as duas tradições. No jarê, as entidades possuem um status igualitário, sendo todas elas reconhecidas como caboclos, refletindo uma valorização da ancestralidade indígena e a conexão com a natureza.

Alguns autores brasileiros, como Jorge Amado e Ana Maria Gonçalves, já escreveram romances que relacionam o candomblé na narrativa, no entanto, em *Torto Arado* podemos perceber que a religiosidade é um dos pilares principais; na verdade, a religião, ela mesma, constitui um fio condutor, entrelaçando os personagens e, inclusive, justificando alguns episódios, como a maneira com que Donana se desfez da faca que causa o acidente entre as duas irmãs:

As diversas estatuetas e pedras que compõem o peji idealmente não devem nunca ser compradas pelo chefe de uma casa, devendo ser encontradas espontaneamente na natureza ou recebidas de presente, e devidamente preparadas antes de fazer parte do altar. Do mesmo modo, há medidas de precaução que se deve tomar para se desfazer delas – quando se quebram acidentalmente, por exemplo – que ao fim envolvem **despachá-las em água corrente** ou depositá-las aos pés de algum cruzeiro (BANAGGIA, P. 171, 2013, grifo nosso).

Ou até a morte de Zeca Chapéu Grande, curador e pai das irmãs:

Uma casa começar a definhar e vir a morrer conforme seu líder envelhece e enfraquece é a norma, da mesma forma que, reciprocamente, o estado de saúde e a disposição do curador derivam da manutenção de seu templo religioso e da realização contínua de festas em adoração às entidades (BANAGGIA, P. 159, 2013).

O jarê, por considerar os encantados como pessoas que, após a morte, tornaram-se encantados, traz aos seu praticantes a importância da questão ancestral. Dentro da narrativa, essa característica fica evidente visto que toda a costura entre a narrativa e a religiosidade,

### 8.1 O objeto de proteção

A influência religiosa se fortifica como um aspecto importante na narrativa quando é Belonísia quem encontra a faca de cabo de marfim pertencente à avó Donana. O objeto, como os leitores irão conhecer posteriormente na parte narrada pela encantada Santa Rita Pescadeira, é o símbolo de resgate de valor em dinheiro, caso vendida, que Donana achou que seria justo receber. O ato de furtar a faca e levá-la para casa e conseguir um dinheiro a partir de um objeto de valor de um dos capangas dos senhores era a motivação principal. Porém, por ser um objeto específico, que era improvável de uma mulher, negra e trabalhadora rural possuir, seria reconhecida caso quisesse vender e, por isso, guardou-a, usando-a anos depois apenas para

proteção de sua filha quando soube do mal que o seu próprio companheiro lhe causava. Apesar de ser o mesmo instrumento que alterou o modo como ela viveria, a faca reaparece como um amuleto de proteção para Belonísia, assim como Santa Bárbara que empunha o objeto que a findou.

A faca é encontrada pouco tempo depois de Belonísia se mudar para a taberna de Tobias, “O cabo de marfim tocou sua mão. Estava morno como o pote exposto ao sol em que se abrigava. Mas a boca formigou como no dia em que encontrou a faca da avó.” (Vieira Junior, 2019, p. 233) Contudo, essa informação só é dada ao leitor na última parte do livro, narrada pela encantada e, com essa informação, podemos analisar a seguinte passagem:

Agora tinha perdido as estribeiras. Dali a pouco esse **cavalo** iria me bater igual ao marido de Maria Cabocla. Mas **eu já me sentia diferente**, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas (Vieira Junior, 2019, p. 121, grifo nosso).

O grifo na palavra “cavalo” é uma observação adicional importante, já que o substantivo “cavalo” é usado muitas vezes e em diversos contextos durante a narrativa, sobretudo para se referir ao corpo que abriga uma entidade encantada durante as festividades do jarê. No trecho destacado, a palavra é empregada de forma pejorativa, insinuando uma força descontrolada, fazendo alusão ao comportamento de Tobias, o homem com quem Belonísia se juntou. Em outros momentos do livro, a palavra assume uma dupla representação, englobando tanto a ideia do animal como a função de incorporar uma entidade.

O outro trecho destacado, “eu já me sentia diferente”, pode ser analisado de forma ambígua. Por um lado, simboliza o amadurecimento da personagem, uma vez que ela é retirada do contexto familiar e experimenta sua primeira relação sexual, rompendo a infância. Mas também, após a informação de que Bibiana já estava em posse da faca, podemos considerar que a mudança e o encorajamento decorram da ação mística que o objeto já desempenhou na vida de Donana.

Outro fragmento que merece ser observado é o seguinte:

Ele levantou a mão como se fosse dar um tapa, mas a susteve no ar quando interrompi a costura para mirar com **olhos ferozes** os seus olhos. Como se o desafiasse a fazer o que ele queria, para ver se sua bravura ultrapassaria minha determinação (Vieira Junior, 2019, p. 135).

Essa passagem pode ser comparada com o trecho em que Bibiana, na primeira parte do livro, menciona a transformação de Salustiana na parteira da comunidade:

Mas a transformação da mulher hesitante, que vinha na estrada em preces por misericórdia e bem-aventurança, na força que se antepunha à perturbação de uma

grávida transtornada pelas dores, e talvez por espíritos que desconhecíamos, era um milagre de energia (...) Diante de meus olhos, vi minha mãe erguer sua mão direita e segurar com força o braço que avançava rompendo o ar para lhe atingir (Vieira Junior, 2019, p. 59)

Ambos os trechos compartilham a descrição de um súbito acesso de força e controle emocional que se manifestou nas personagens em situações conflituosas. Em relação a Belonísia, como dito anteriormente, ela estava em posse da faca; no caso de Salustiana, descobrimos que a entidade conhecida como Velho Nagô era responsável pelos partos na região e apoiava as mulheres que desempenhavam essa função que era designada pelo curador da comunidade, ou seja, havia também em Salustiana a influência do aspecto religioso e a interseção de um encantado para que ela fosse designada a realizar uma atividade importante para a comunidade.

A reflexão acerca da potencial interferência dos encantados e elementos místicos da religião em contextos perigosos para seus filhos não compromete os contornos de empoderamento das personagens das irmãs em relação com os desafios que encontram na narrativa, como a seca, a fome e a violência; pelo contrário, possibilita levantar questões acerca da ancestralidade e do suporte que os próprios moradores de comunidades quilombolas constroem, aspectos importantes para a resistência e manutenção da memória e afetividade.

## **8.2 O elemento místico na narrativa**

Como mencionado, a faca é um elemento importante para observarmos a relação da religião na narrativa, pois é esse objeto que inicia a história, que acompanha a trajetória de Donana e posteriormente a de Belonísia.

Na representação de Santa Bárbara, que a partir do sincretismo religioso é ligada à Iansã, observamos que ela carrega em uma das mãos o cálice, representando a comunhão com a fé católica, e na outra, uma palma, como símbolo do martírio, e o objeto causador de sua morte, a espada do próprio pai que a denunciou pela fé cristã. Nas religiões de matriz africana, Iansã é representada carregando nas mãos um irukerê, instrumento feito com o rabo de búfalo para conduzir os espíritos dos mortos, e um alfanje, espécie de uma espada curta, como uma faca, mas conhecida popularmente pelos fiéis como espada de Iansã, instrumento que representa as forças da natureza e o coração guerreiro.

Esse símbolo também aparece para os fiéis a partir da planta *Dracaena trifasciata*, popularmente conhecida pelo nome espada-de-santa-bárbara ou espada-de-iansã que tem a

função de limpeza profunda do ambiente, proteção e corte de demanda, sendo capaz de abrir caminhos. Em algumas edições do livro, como na edição brasileira de 2019 e na tradução para o alemão, a capa apresenta a ilustração inspirada em uma das fotografias da série *Nuovelle semence* (2010), realizada em Camarões pelo fotógrafo italiano Giovanni Marrozzini, em que há duas mulheres negras, lado a lado, de mão dadas, e com as mãos opostas, seguram uma espada, na capa do livro *Torto Arado*, a ilustração substitui as espadas pela planta com valor protetivo.

Apesar de o jarê ser uma prática restrita a um território específico, a exposição de suas práticas, por mais sutis que estejam na narrativa, conforme mencionado anteriormente, não são elementos ornamentais. Algumas resenhas sobre a obra mencionam como a espiritualidade alocam a obra dentro do gênero de realismo fantástico; entretanto, parece ser uma maneira equivocada de classificá-la, já que, conforme definido por Todorov (1975), o gênero de realismo fantástico combina uma visão realista do mundo com elementos mágicos inseridos em cenários cotidianos, ou seja, introduz elementos sobrenaturais ou inexplicáveis no contexto narrativo que, de outra forma, parece ser realista e cotidiano, levando o leitor a questionar sobre o que é realidade ou fantasia. Essa definição difere do que consideramos culturalmente como a prática de uma religião em que seus elementos não existem de forma pontual, pois fazem parte de um sistema de crenças de uma determinada comunidade. Deste modo, a classificação do livro como uma narrativa de realismo fantástico ignora a complexidade e profundidade das tradições, rituais, mitos e concepções de divindades que a narrativa propõe.

## **9 DUAS, QUASE UMA**

Toda festividade do jarê termina com uma homenagem a São Cosme e São Damião, que equivalem aos ibejis, entidades africanas gêmeas, conforme Banaggia menciona. Diferente dos santos católicos, o mito conta a história de como duas crianças gêmeas idênticas foram capazes de enganar a Morte, que ao invadir a região onde habitava uma comunidade, durante um ritual, informou que aniquilaria todos os habitantes assim que o atabaque parasse de ser tocado. Diante disso, os irmãos resolveram se revezar no toque do atabaque e, como eram idênticos, a Morte não conseguiu perceber as trocas e desistiu de esperar, o que livrou toda comunidade da Morte; sendo assim, os irmãos foram consagrados e cultuados em religiões Iorubá.

Ao refletirmos sobre a relação entre as duas irmãs em *Torto Arado*, principalmente na primeira infância, em que uma era responsável pela comunicação da outra com o mundo (ou seja, o que era desejado ser dito por Belonísia era passado pelo filtro de consciência de Bibiana e para que esse meio de comunicação fosse eficiente, era necessário uma aproximação mútua sobre sensações e sentimentos), podemos também, através do viés religioso, observar que da mesma maneira que os encantados usam os cavalos — pessoas que incorporam os espíritos — para comunicação com o mundo, Bibiana também era essa via, em um primeiro momento, para Belonísia.

É perceptível o fluxo de afastamento e reaproximação experimentada pelas irmãs enquanto crescem. O primeiro episódio de ruptura ocorre após a disputa pelo amor do primo, Severo, e em seguida a reaproximação que é causada mais uma vez por um acidente: “Não fosse o pé ressentido pela ferida que a tarde de pesca me havia produzido, talvez permanecesse ainda por mais tempo distante de Belonísia” (Vieira Junior, 2019, p. 52).

A segunda — e quase permanente — ruptura acontece algum tempo depois com o envolvimento de Bibiana com Severo. O afastamento ocorre pela dedicação ao romance e pela fuga de Bibiana para a cidade em busca de uma melhor condição de vida. O fluxo migratório do campo para a cidade para uma melhor condição de vida é uma característica que constitui vários romances da estética regionalista na década de 30, já que o sertão era considerado a periferia da região sudeste do Brasil. Para embasar nossa discussão, consideramos a crítica de Candido (2006) sobre a persistência do atraso devido ao desenvolvimento desigual de certas regiões, que mantém constantemente à margem dos centros urbanos as regiões menos desenvolvidas pelo capitalismo. Ou seja, a partir dessa condição social, o autor ainda tende propor como solução para os personagens que buscam oportunidades, a migração para os centros urbanos.

Além da ruptura da relação entre as irmãs, os pontos de divergência entre as duas irmãs também são elementos bem explorados durante a segunda parte do livro. Enquanto Bibiana sempre esteve alinhada com o conhecimento formal, muito desejado por Zeca Chapéu Grande, representando um movimento progressista, a irmã mais nova não se mostrava interessada pelo que parecia abstrato, como história de pessoas que ela não conhecia e distantes do seu dia a dia.

A oposição entre o som e o silêncio também devem ser levados em consideração, já que a mutilação da língua de Belonísia não é um mero detalhe para a narrativa. Com a ruptura da

relação entre ela e a irmã, Belonísia precisou, a partir do silêncio, reinventar seu modo de se colocar diante das situações comunicativas e a maneira de se relacionar com seu entorno.

Outra oposição além do som e o silêncio, presentes na relação entre elas são a cidade e o campo; contudo, a ruptura sobre esse estereótipo de pessoa do campo que busca pelo progresso na cidade grande ocorre quando a personagem de Bibiana retorna ao interior alimentada com o conhecimento sobre a classe trabalhadora e seus direitos em relação ao trabalho exercido, e além disso, não despreza o conhecimento que ali foi adquirido e costuma reger as relações estabelecidas.

Desse modo, as irmãs tornam-se complementares, pois compartilham mutuamente seus conhecimentos sem que haja intenção de sobreposição ou abafamento dos saberes da outra, usando-os antes para estimular o crescimento e as melhorias desejadas de modo em comum pela comunidade, sem disputa de espaço. Sabemos que, enquanto Bibiana estava em formação na cidade, Belonísia era quem ajudava seu pai no roçado e na atuação como curador. Após a morte de Tobias, com quem morou por quase um ano, ela dedica seu tempo à terra e o que colhe é compartilhado com as demais famílias para que não seja levado pelos donos da fazenda.

Além da distribuição de alimentos, Belonísia também participa ativamente do enfrentamento à violência doméstica sofrida por uma mulher da comunidade. A partir desse viés, podemos considerar que apesar de não ter o conhecimento formal em relação ao sistema de exploração ou a noção do conceito jurídico de violência doméstica, era ela quem atuava constantemente em relação ao auxílio efetivo para comunidade, condição que posteriormente foi complementada pelo conhecimento formal de livros e assembleias que Bibiana e Severo trouxeram à comunidade. A complementação se evidencia, portanto, quando as atuações fraternas se desenrolam a partir do repertório individual construído por cada uma, seja pelo conhecimento formal ou pelo empírico.

## **10 DOIS MOVIMENTOS, TRÊS PROTAGONISTAS**

A complementaridade também ocorre na última parte do livro, narrada pela terceira protagonista, a encantada Santa Rita Pescadeira, que não teve neste trabalho a merecida profundidade, haja vista nosso recorte ter elegido as duas irmãs. Contudo, não podemos deixar de mencioná-la, ainda que brevemente, ao observarmos os movimentos finais do romance em que as irmãs agem novamente de modo complementar com um objetivo comum: a vingança.

Nesse aspecto, podemos também considerar o ponto de que algumas religiões, principalmente as que conversam com a base do cristianismo, consideram o perdão e a crença da justiça divina como um modo de resolução de conflitos, perspectiva que não observamos em *Torto Arado*: apesar de tratar-se de uma encantada, correspondente às entidades nos demais cultos afrobrasileiros, é Santa Rita Pescadeira quem decide se vingar e justificar sua interferência pelos anos de sofrimento que os trabalhadores daquela terra já haviam passado e, além disso, é ela quem toma os corpos das irmãs de maneira não consentida.

Segundo Banaggia (2016, p. 319), a permeabilidade dos corpos dos frequentadores do jarê possibilita a incorporação de várias entidades ao longo da noite de cerimônias. É mencionado também que há três tipos de transferência de incorporação: por vontade da própria entidade, por proximidade física durante a incorporação e uma transferência energética que não acontece necessariamente de maneira simultânea. A incorporação compartilhada pelas irmãs nos últimos capítulos reforça a complementaridade entre ambas, pois, de uma maneira óbvia, poderíamos sugerir que apenas Belonísia seria capaz de cavar a cova, pois ela é quem está acostumada com a terra e com o trabalho braçal; ou então somente a Bibiana, por se tratar de uma vingança pessoal, um acerto de contas entre a viúva e o suposto mandante da execução do esposo. No entanto, as duas são usadas para cavar a terra e construir a armadilha para execução do revide.

A vingança de Santa Rita Pescadeira também parece cair sobre Tobias depois de ele duvidar da potencialidade e existência da encantada. Após ser encontrado morto na estrada vítima de uma queda de cavalo, Belonísia menciona a ameaça que ele recebera após caçoar tanto da entidade como da pessoa que a incorporou.

Nesses dois episódios, podemos observar a diferença entre a vingança de um encantado e a necessidade de uma pessoa ser iniciada em um terreiro de jarê. Quando Donana recusou efetivamente as obrigações que os encantados estavam esperando, Zeca foi tomado por fortes dores e acometido de certa loucura que só foi curada ao buscar por um grande curador da região. “Ele que carrega o meu fardo, disse quando o velho abriu a porta, “ele leva por mim porque fui desobediente, não me dobrei. Resisti. Os santos me castigaram” (Vieira Junior, 2019, p. 175). Ainda assim, quando há necessidade da iniciação na prática religiosa, os males que caem sobre os designados não têm a intenção de findar a vida, apenas fazê-lo procurar ajuda.

Banaggia (2013, p. 264) aponta que a insanidade que afeta os integrantes do jarê que devem ser apresentados às entidades, assim como afetou Zeca Chapéu Grande, é característica



da prática religiosa. Essas crises podem ser desencadeadas por doenças físicas ou até desilusão amorosa, como no caso de Crispiniana mencionado no início deste trabalho. Esses episódios são ligados ao conceito de selvageria em que as pessoas afetadas apresentam episódios de raiva e isolam-se em ambientes ermos, na mata ou em cavernas afastadas da cidade. No caso do romance, é possível observar que ocorreram dois episódios como esse, no caso de Crispina e de Zeca Chapéu Grande, e apesar de se embrenharem na mata ou se perderem na cidade, não houve efetivo perigo para eles.

Percebemos esse lugar de proteção da entidade pois assim como foram tomadas por Santa Rita Pescadeira, Belonísia e Bibiana não sofreram nenhum risco ao se embrenharem na mata para cavar uma cova durante madrugadas consecutivas, tendo apenas como sintoma o cansaço físico e as mãos machucadas pela ferramenta. Nada às atingiu: picadas de bichos, flagrantes ou acidentes, dando a entender que havia algum tipo proteção durante o transe, diferente do episódio da queda de Tobias, que ocasionou prontamente sua morte.

A escolha de um elemento místico para execução de um plano vingativo é uma saída do autor para não contaminar no leitor o ideal de herói construído através das personagens das irmãs, retirando assim a responsabilidade consciente da execução e morte do fazendeiro. Apesar da tentativa do autor, ainda conseguimos observar a ruptura desse ideal logo após a morte do fazendeiro, quando Bibiana desfere palavras de violência contra a mulher e filhos dele, mas Salustiana a corrige imediatamente com um tapa no rosto, num segundo assomo da mãe contra a filha.

Não pensei nunca precisar fazer isso em você depois de velha, Bibiana, depois de você ter me dado netos. Mas não criei filhos para andarem pela terra fazendo mal a ninguém. Não se deseja a morte de ninguém. Já não basta o que se abateu sobre esta casa? **Você quer mais castigo sobre a gente?** (Vieira Junior, 2019, p. 250).

Esse trecho é mais uma corroboração do papel da religião diante do cotidiano da comunidade em que a crença de que, ao fazer o mal, a reação será o retorno do mal. Tal afirmação é colocada em xeque na última frase do livro que diz “*Sobre a terra há de viver sempre o mais forte*”, em que pode ser entendido o forte como quem ataca ou forte por aguentar ser atacado.

O fortalecimento da comunidade dos trabalhadores de Água Negra acontece de maneira gradual. Após a morte de Zeca Chapéu Grande, é Severo quem preenche o lugar de líder, propondo reflexões sobre os direitos dos trabalhadores da terra. Simbolicamente, essa atuação é iniciada durante o enterro do curador da comunidade. A postura política de Severo é o que

causa sua execução à luz do dia, em frente à casa da sua própria família, mas a fatalidade não abala o empenho da conscientização da comunidade, e Bibiana torna-se novamente a porta-voz e se posiciona como a líder dos trabalhadores da fazenda.

## **11 A REPRESENTAÇÃO EM TORTO ARADO**

A representação de liderança, personagens negras e fortalecimento da comunidade são um dos pontos que são abordados na narrativa e recorte importante para esse trabalho. No entanto, a obra também atravessa outras questões que podem ser discutidas, como moradia, violência doméstica e educação. Por esses motivos, foi uma das obras selecionadas para ser distribuída às escolas municipais de São Paulo, garantindo o acesso à leitura a milhares de alunos do ensino fundamental da cidade. A partir dessa distribuição, podemos refletir sobre quais são as representações que surgem nos livros de literatura brasileira de alta distribuição no país.

Em pesquisa estatística realizada pela crítica literária Regina Dalcastagnè (2011) sobre a representação dos personagens em romances publicados entre os anos de 1990 e 2004 pelas principais editoras do Brasil, como Companhia das Letras, Record e Rocco, é possível constatar uma notável homogeneidade racial. Mais de 90% dos autores são classificados como brancos, enquanto mais de 70% dos personagens são retratados como brancos.

Embora a pesquisa de Dalcastagnè aborde tópicos relevantes, como classe social, faixa etária e principais ocupações dos personagens, neste trabalho iremos focar no recorte relacionado à religião, observando principalmente a relação entre os personagens indígenas e negros e suas representações como personagens e narradores. Segundo a pesquisa, cerca de 40% dos personagens indígenas e 26,5% dos personagens negros estão relacionados à religião. É importante ressaltar que essa pesquisa identificou 20 personagens negros como protagonistas e apenas 5 como narradores, mencionados aqui sem levar em consideração o gênero, nos romances analisados. Nessa perspectiva, a pesquisa revela uma representação mínima da relação entre religião e narrativa nos livros examinados. Esses dados apontam para uma menor representação de personagens negros e indígenas, bem como uma escassez de narradores pertencentes a esses grupos.

A partir dessa análise, observamos como Vieira Junior não tem a intenção, nem poderia, de preencher essa enorme lacuna na literatura brasileira, especialmente ao abordar uma religião

específica de uma parte do território brasileiro. No entanto, ao colocar três mulheres negras como personagens-narradoras, ele conseguiu trazer à tona aspectos de representatividade, além da diversidade religiosa, abrindo espaço para um diálogo potencial, e reflexão acerca das diferentes tradições afroreligiosas na cultura brasileira.

## 12 CONCLUSÃO

A obra de Itamar Vieira Junior se destaca como uma contribuição significativa para a literatura contemporânea brasileira, abordando as complexidades individuais das personagens e também questões de identidade, resistência e pertencimento. A relação entre as irmãs Bibiana e Belonísia e as dinâmicas familiares exploradas apresentam de modo perspicaz as experiências das mulheres negras na narrativa, apresentando também as trajetórias coletivas das personagens.

O presente trabalho expõe os múltiplos aspectos da narrativa, demonstrando como a construção das personagens e como a interação entre elas enriquecem a trama, enquanto a questão religiosa desempenha um papel fundamental em sua evolução, além de explorar a representatividade e a complexidade presentes na obra, mergulhando nas vidas das protagonistas, as irmãs Bibiana e Belonísia, bem como na influência da entidade do jarê conhecida como Santa Rita Pescadeira.

Ao longo desta análise, examinamos como a narrativa de *Torto Arado* vai além dos estereótipos associados a personagens negras na literatura, destacando a construção de personagens complexos e complementares. Bibiana e Belonísia se destacam como figuras representativas de força e atuação política, proporcionando aos leitores uma sensação de identificação e projeção. Deste modo, focamos em analisar as irmãs e como suas personalidades se desenvolvem, como se complementam e se opõem, além de observar como a questão religiosa influencia essa relação.

A análise das relações entre irmãos na literatura, com foco na obra em questão, nos permite observar uma abordagem diferente e enriquecedora desse tema em comparação com as representações mais tradicionais encontradas em outras obras da literatura brasileira. A narrativa de Bibiana e Belonísia, duas irmãs que compartilham uma forte conexão com sua comunidade e com a terra, oferece uma visão multifacetada das relações entre irmãos. Enquanto em muitas obras literárias os irmãos são frequentemente retratados em conflito e

rivalidade, as irmãs Bibiana e Belonísia desafiam esse padrão ao manterem uma conexão profunda e consistente ao longo da história. Suas jornadas, individuais e compartilhadas, suas lutas por identidade, resistência e pertencimento, e seu compromisso com a preservação da memória e da cultura de sua comunidade tornam essas personagens não apenas representativas, mas também inspiradoras. Deste modo, a obra nos convida a repensar e ampliar a compreensão das relações entre irmãs, ressaltando a importância de valorização dos vínculos fraternos, mesmo em face de adversidades, além de reconhecer a construção da identidade de cada uma.

Nosso objetivo é destacar como essas tradições e práticas religiosas desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das personagens e na compreensão mais ampla do contexto narrativo. Este estudo também permite observar a maneira como a religião permeia a vida das personagens, moldando suas identidades e interações. O romance ainda destaca na relação entre as duas irmãs a representação da complementaridade que existe na religião do jarê. Enquanto Belonísia é mais ligada à terra e as práticas tradicionais, Bibiana traz o conhecimento formal e atuação política adquirida junto a sindicatos na cidade.

A faca de cabo de marfim, objeto central na história, simboliza não apenas essa conexão com a religião, mas também o poder de proteção e a ligação com a ancestralidade. Ela se torna um amuleto de força e resistência para Belonísia, refletindo a influência que a religião tem sobre a vida dos personagens e a conexão com a ancestralidade africana e indígena. Esse símbolo ressalta a importância das práticas religiosas na preservação da memória e da identidade das comunidades quilombolas, revelando como a espiritualidade desempenha um papel fundamental na preservação dessas tradições e da história dessas comunidades.

Em suma, a narrativa de *Torto Arado* também revela a riqueza e a profundidade da influência da religião do jarê na vida das personagens e na trama como um todo. A religiosidade desempenha um papel crucial na construção das personagens e na dinâmica da história. A análise dos elementos religiosos na narrativa mostra como o jarê se entrelaça com a vida das personagens, influenciando suas ações, crenças e percepções do mundo ao seu redor.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANAGGIA, Gabriel. **AGITAÇÃO E PLACIDEZ: os muitos movimentos do jarê contemporâneo**. *Áltera – Revista de Antropologia*, p. 122, jul / dez. 2016.

BANAGGIA, Gabriel. **As forças do jarê: movimento e criatividade na religião de matriz africana da Chapada Diamantina**. Tese de Doutorado, PPGAS, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2013.

BERNARDO, Teresinha. **MEMÓRIA COMO RESISTÊNCIA**. Sp: Travessia, dez. 1998.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A personagem de Ficção**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. 128 p.

DALCASTAGNÉ, Regina. **A personagem negra na literatura brasileira contemporânea**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

DESCOLONIZANDO o Conhecimento. Intérprete: Grada KILOMBA, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iLYGbXewyxs>. Acesso em: 7 jul. 2023.

JUNIOR, Itamar Vieira. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

PELINSER, André Tessaro; ALVES, Márcio Miranda. A permanência do Regionalismo na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 59, p. 1-13, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2316-4018593>>. Acesso em: 19 set. 2023

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975. 192 p.

VICENTINI, Albertina. **APONTAMENTOS SOBRE O REGIONALISMO EM LITERATURA HOJE**. *Revista Mosaico*, p. 182, dez/2015.